

Um novo olhar sobre a *Carta de Caminha* por meio de duas propostas de edição

MÓDOLO, M.; MADEIRA, M. de F. N. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**: edição modernizada e semidiplomática. Cotia: Ateliê Editorial, 2023.

Marcus DORES¹

¹ Universidade de Évora, Évora, Portugal;
| marcusdores@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-9742-0903>.

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Edição Modernizada e Semidiplomática



Introdução, Notas e Estabelecimento de Texto

MARCELO MÓDOLO

MARIA DE FÁTIMA NUNES MADEIRA



A *carta de Pero Vaz de Caminha* (ou apenas *Carta de Caminha*) é considerada por alguns historiadores como o primeiro documento exarado em terras que hoje oficialmente chamamos de Brasil². Fato é que Pero Vaz de Caminha (1450-1500), fidalgo português, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral (1467-1520), foi o responsável por noticiar ao rei de Portugal, Dom Manuel I (1469-1521)

² Sobre isso ver: DORES, M. A história do Brasil contada por meio do seu próprio nome. **Rev. Inst. Estud. Bras.** (São Paulo), n. 89, e10691, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/2316901X.n89.2024.e10691>.

– conhecido como “o Venturoso” –, aquilo que o próprio escrivão descreveu como “achamento dessa vossa terra nova”. Hoje já sabemos que a terra nova mencionada por Caminha não era nada nova, visto que não era a primeira vez que os portugueses pisavam em terras do outro lado do Atlântico e que elas já se encontravam habitadas e muito bem ocupadas por povos originários diversos³.

O “novo” talvez esteja no relato detalhado das impressões de um português diante de um lugar por ele desconhecido, de pessoas com culturas muito diferentes da europeia e com uma fauna e uma flora até então misteriosas e inexploradas. Assim, a função primária do texto de Caminha é a de dar testemunho ao seu soberano de mais uma atividade das grandes navegações que Portugal pioneiramente estava desenvolvendo naquela época. A visão eurocêntrica do “novo” é bastante interessante porque parte sempre da relação com coisas já conhecidas por eles. Os povos originários, por exemplo, julgados como exóticos foram comparados com Adão e Eva, que andavam nus, e a natureza comparada com o paraíso da narrativa bíblica do livro de Gênesis.

Em relação à função secundária da Carta de Caminha, ou seja, o valor histórico e de interesse científico adquirido pelo documento ao longo do tempo, é indiscutível o seu caráter singular. Prova disso é que, em 2005, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) conferiu a esse documento a chancela de *Memória do Mundo*. Há que se destacar que essa foi a primeira fonte documental portuguesa a receber esse título da Unesco. Como já abordamos anteriormente em outro trabalho, o Programa Memória do Mundo foi criado em 1992 e teve

[...] origem em um triste episódio, quando, em 1992, a Biblioteca Nacional de Sarajevo (em Bósnia e Herzegovina) foi destruída por um ataque sérvio. Frederico Mayor Zaragoza, então diretor-geral da UNESCO, atento à necessidade de conservação e preservação dos bens de patrimônio arquivístico e bibliográfico, cria, então, um programa para oferecer uma proteção adequada a esse patrimônio. Isso, porque, segundo ele, “ainda que a documentação arquivística e bibliográfica constitua a maior parte da memória dos povos, ela tem uma fragilidade extrema” (Dores, 2020, p. 235).

Atentos a todas essas questões, Marcelo Módolo, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, e Maria de Fátima Nunes Madeira, mestra em Filologia e Língua Portuguesa pela mesma instituição, oferecem em sua

3 Sobre isso ver: CUNHA, M. C. (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

mais recente publicação, *A Carta de Pero Vaz de Caminha: edição modernizada e semidiplomática*, uma abordagem inovadora sobre esse documento histórico. Esse livro não apenas apresenta uma edição semidiplomática da Carta de Caminha, tratada com rigor filológico exemplar – isto é, seguindo normas filológicas meticulosamente definidas e consistentes⁴ –, mas também inclui uma versão modernizada, enriquecida com comentários elucidativos em notas de rodapé. A introdução, por sua vez, é envolvente e prepara o leitor para uma imersão crítica e contextualizada na obra, promovendo, assim, um diálogo entre os métodos tradicionais de filologia e as demandas contemporâneas de interpretação textual. O trabalho reflete, portanto, uma perspectiva interdisciplinar que ecoa as abordagens propostas por Castro (1995), quando sugere que o estudo filológico não deve se limitar a descrições estruturais, mas deve abraçar um espectro mais amplo de conhecimentos, incorporando várias ciências, como a linguística e a história, para explorar profundamente os textos.

Segundo os autores, “[...] o leitor é levado, pelas palavras do escrivão, a contemplar uma natureza abundante, num cenário inédito, que combinava um lugar e um momento únicos” (Módolo; Madeira, 2023, p. 9). No entanto, a maioria das pessoas, que não são especialistas em leitura de textos manuscritos, não conseguiria ter acesso às informações da Carta de Caminha se não fosse por meio de edições. Assim, as duas modalidades de edições apresentadas no livro favorecem dois tipos distintos de leitores: “a edição semidiplomática” (Spina, 1977, p. 79) – conservadora e com um grau médio de interpretação por parte dos editores – é destinada a pesquisadores de diferentes áreas que tenham prática de leitura e de edições de textos antigos dessa modalidade, como, os filólogos, os linguistas, os historiadores etc.; já a edição modernizada ou, segundo Cambraia (2005, p. 97), “interpretativa” tem um público mais amplo – como professores do ensino básico em atividades com os seus alunos ou as pessoas que apenas se interessam pela história do Brasil – e tem a função de popularizar o texto antigo entre pessoas leigas ou que tenham interesse apenas pelo conteúdo expositivo da carta.

Uma aplicação prática para as edições apresentadas no livro, cada uma em atividades específicas, poderá ser em aulas do ensino básico por professores das disciplinas das áreas das Ciências Humanas e de Linguagens. Sobre isso, conforme discutiram Schmidt e Cainelli (2009, p. 116), o uso de documentos históricos em sala de aula é “[...] indispensável como fundamento do método de ensino, principalmente porque permite o diálogo do aluno com realidades

4 As normas adotadas pelos autores para a realização da edição semidiplomática foram baseadas em Toledo Neto, S. de A. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para textos manuscritos do passado. **Travessias Interativas**, v. 10, n. 20, 2020.

passadas e desenvolve o sentido da análise histórica”. Permitir que os alunos tenham contato com textos escritos em português de diferentes épocas é uma tarefa que fará com que eles, em algum nível, percebam que a língua contemporânea é o resultado de um longo processo histórico, que é mascarado pela homogeneidade da sincronia presente. Um aspecto didático do livro *A Carta de Pero Vaz de Caminha: edição modernizada e semidiplomática* é incentivado pelos autores que destacam: “[...] para melhor visualizar a cena que Caminha descreve, o leitor também é levado a buscar, na internet, as imagens das plantas e aves citadas” (Módolo; Madeira, 2023, p. 9).

Na introdução do livro, os autores, por meio de argumentos da história social e apresentando reflexões sobre o conteúdo da carta, convidam o leitor a fazer a leitura daquela carta/diário que foi “[...] o último testemunho de Pero Vaz [que morreu em 1500], suas últimas palavras registradas” (Módolo; Madeira, 2023, p. 15). Como apontam os autores, é verdade que, por mais bem feitas que sejam as leituras e edições da Carta de Caminha, muitas lacunas ficarão sem preenchimento. Isso acontece por vários motivos. Os principais deles são: i) o sigilo em torno da carta nos primeiros séculos após a escrita dela; ii) a distância temporal entre a escrita da carta e o tempo presente (momento da leitura e da interpretação); iii) o estágio de língua utilizado na escrita da carta (português do século XV); iv) o fato de um texto escrito testemunhar alguns fatos, mas não toda a realidade vivida.

Módolo e Madeira foram felizes ao decidirem disponibilizar a versão deles, por meio da apresentação de duas edições, da detalhada narrativa que fez, de maneira bastante erudita, Pero Vaz de Caminha, em 1500, por ocasião do sucesso da expedição de Pedro Álvares Cabral. Como já dissemos, os leitores possíveis para o livro em causa são vários. Fato é que, quem se aventurar, guiado por Módolo e Madeira, fará um proveitoso retorno ao passado e (re)descobrirá fatos importantes sobre a nossa história com uma qualidade de descrição das pessoas e do território e com um testemunho do contato cultural com povos até então desconhecidos na Europa. É como o “retorno à filologia” que De Man (1986, p. 40) descreve, ao mostrar a capacidade dessa disciplina de estabelecer uma ponte entre o passado e o presente. Por meio da revelação da subjetividade textual, a filologia permite uma forma de presença imanente, sugerindo que o resgate filológico seja uma ferramenta natural para explorar e compreender as profundezas históricas e culturais de maneira renovada.

Embora a Carta de Caminha já tenha sido bastante estudada por pesquisadores de diferentes áreas (Pereira, 1999; Souza, 2002; Pacheco, 2004; Oliveira, 2012;

Teixeira, 2019) e que já haja algumas edições desse manuscrito, o rigor filológico⁵ de Módolo e Madeira, ao consultar os *fac-símiles* e algumas dessas edições já existentes, torna o trabalho deles único e mais confiável. Há que se pontuar que o labor do filólogo com textos manuscritos do passado não é tarefa fácil. É preciso, em alguns casos, “de fazer o melhor uso de maus dados” (Labov, 1982, p. 20). Assim, que a obra *A Carta de Pero Vaz de Caminha: edição modernizada e semidiplomática* seja bastante consultada e comentada pelos especialistas e pelo público em geral.

Referências

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO, I. O Retorno à Filologia. In: PEREIRA, C. da C.; PEREIRA, P. R. D. (org.). **Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 511-520.

CORTESÃO, J. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Ed. Livros de Portugal, 1943.

DE MAN, P. **The Resistance to Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

DORES, M. V. P. Livro de Inventários da Catedral de Mariana (1749-1904): patrimônio arquivístico e bibliográfico como Memória do Mundo. In: SANTOS, M. M. D.; MATEUS, A. A. (org.). **Minas Gerais 300 anos**. Belo Horizonte: Idea, 2020. p. 227-240.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN W.; MALKIEL, Y. (org.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

5 Esse rigor está relacionado aos seguintes aspectos: i) estabelecimento de normas e cumprimento dessas normas ao longo das edições; ii) presença de notas de rodapé informativas e explicativas; iii) interpretações que são justificadas pelas normas adotadas e a época de produção do texto. Sobre esse último aspecto, por exemplo, Jaime Cortesão, em sua edição da Carta de Caminha, de 1943, opta por transcrever, no início da carta, a palavra “capitães” (forma moderna) como “capitaães”. Módolo e Madeira transcreveram essa mesma palavra, na edição semidiplomática deles, como “capitaaens”. Ao verificar o fac-símile do primeiro fólio da carta, disponibilizado na página 78 do livro, é possível perceber que Módolo e Madeira realizam uma leitura mais precisa que Cortesão.

OLIVEIRA, A. S. Análise de itens lexicais no vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha. *In*: AMARANTE, J.; OLIVEIRA, K.; MATTOS E SILVA, R. V. (org.).

Várias Navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 429-445.

PACHECO, I. M. de J. **O imaginário da Carta de Caminha e sua apropriação pelo turismo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz; Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2004.

PEREIRA, P. R. **Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil.** 2. ed. revisada. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar S.A, 1999.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SOUZA, N. **Estudo de alguns aspectos da ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha.** 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SPINA, S. **Introdução à Edótica.** São Paulo: Cultrix, 1977.

TEIXEIRA, V. L. **Carta de Caminha:** contato linguístico no Brasil quinhentista à luz da historiografia linguística. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

Como citar esta resenha:

DORES, Marcus. Um novo olhar sobre a Carta de Caminha por meio de duas propostas de edição. Resenha de MÓDOLO, M.; MADEIRA, M. de F. N. **A Carta de Pero Vaz de Caminha:** edição modernizada e semidiplomática. Cotia: Ateliê Editorial, 2023. **Revista do GEL**, v. 21, n. 2, p. 302-308, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 15/05/2024 | Aceito em: 12/06/2024.